

RECEPÇÃO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* NA CATALUNHA: UMA CRÔNICA



FRANCISCO CALVO DEL OLMO

Resumo: O objetivo do presente trabalho é o de avaliar a recepção da tradução catalã do romance *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, realizada por Xavier Pàmies e publicada pela editora Edicions 62 em 1990. Anteriormente, na Catalunha, havia sido divulgada a obra rosiana a partir da tradução em espanhol de Ángel Crespo, publicada em 1967 pela editora Seix Barral com sede em Barcelona. Assim, examinamos o impacto daquela primeira tradução no conjunto dos países hispano-falantes, no que se inclui a Catalunha integrada no Estado espanhol. Em seguida, apresentamos o tradutor, Xavier Pàmies, e o contexto sócio cultural em que apareceu a tradução para o catalão tentando assim elucidar a difusão que teve na comunidade leitora e intelectual de fala catalã. Por fim, fazemos uma reflexão sobre os termos *sertão* e *veredas*, chaves que conformam o enigma do título, mas que apresentam grandes dificuldades para a sua adaptação no âmbito das línguas ibéricas, tanto para o catalão quanto para o espanhol.

Palavras-chave: catalão, Guimarães Rosa, recepção, sertão, tradução

Abstract: This piece of work aims at evaluating the reception of the Catalan translation of the novel *Grande Sertão Veredas* (1956) by Guimarães Rosa, made by Xavier Pàmies and published by Edicions 62 in 1990. Previously in Catalonia, Rosa's work was widespread with the Spanish translation by Ángel Crespo published in 1967 by Seix Barral housed in Barcelona. First, it is examined the impact of the first translation in the Spanish-speaking countries, in which Catalonia, integrated in the Spanish State, is included. Second, Xavier Pàmies, the translator is introduced and the social-cultural context in which the Catalan translation was presented trying to understand the diffusion in the intellectual and reading communities of Catalonia. Finally, it is intended to present a comment about the terms 'sertão' and 'veredas', on one hand, key to understand the enigma of the title, on the other hand, words with great difficulty to the adaptation in the Iberian languages, not only for Catalan, but also for Spanish.

Keywords: Catalan, Guimarães Rosa, reception, sertão, translation

A recepção na Catalunha de *Grande Sertão: Veredas* anterior à tradução catalã

Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa foi publicado por primeira vez em 1956. A obra se revelou logo como um ato de refundação da língua portuguesa, um exercício semelhante ao que Joyce havia feito com a língua inglesa umas décadas antes. O médico mineiro experimenta com a linguagem, mistura registros, inventa palavras, torce a sintaxe, adiciona neologismos, apela ao tesouro da fala dialetal, etc. Apesar das óbvias dificuldades que um discurso assim apresenta, as traduções não demoraram a chegar e o romance foi vertido sucessivamente para o francês, inglês, alemão, italiano etc. Em 1967, onze anos após a publicação brasileira, apareceu a tradução para o espanhol; no mesmo ano em que se daria a morte de Guimarães Rosa. A tradução do romance esteve a cargo de Ángel Crespo, fundador da *Revista de Cultura Brasileña*¹ em 1962 e diretor da mesma até 1970. Crespo era também um ativo crítico literário, poeta, ensaísta, tradutor e mantinha um forte compromisso político na luta contra a ditadura do general Franco. Como tradutor verteu obras de escritores e pensadores que vão desde Dante Alighieri e Francesco Petrarca a Fernando Pessoa, Cesare Pavese ou Joan Maragall. Igualmente, sabemos que Crespo era um grande admirador de Guimarães Rosa, como demostram os elogios que lhe dedica no artigo que escreveu, na revista que ele mesmo dirigia, já em 1963:

Guimarães Rosa ha abordado la descripción del sertón y sus habitantes desde un punto de vista tan personal que ha superado, casi diría que de un solo plumazo, la tradición de la novela regionalista (Crespo, 1963).

Em fevereiro de 1967, a editorial catalã Seix Barral, com sede em Barcelona, publica, pois, a obra prima do romancista mineiro sob o título *Gran Sertón: Veredas*. O livro estava precedido de uma introdução escrita pelo próprio Crespo e acompanhado de um glossário ao final. Segundo o tradutor, seu trabalho do tradutor guiou-se pelo respeito ao original, como indica na mencionada introdução:

Hubiera sido gratuito por nuestra parte sustituir dichos términos por los correctos de nuestra lengua. Por otro lado, son muchos los nombres de animales, vegetales, alimentos y objetos de diferente índole que no tienen correspondencia exacta en nuestro idioma o cuya sinonimia sería muy problemática en el castellano hablado en América. En lugar de ofrecer una traducción siempre dudosa –y dado que su abundancia no es tanta como para dificultar la lectura– los hemos mantenido, pero ofreciendo su transcripción fonética o bien la ortográfica, cuando ambas no coinciden (Crespo, 1967).

Guimarães Rosa aplaudiu a tradução espanhola na qual teria ouvido vividamente refletida a sua própria voz. Cabe dizer que o escritor de Cordisburgo foi em geral generoso com os seus tradutores, com os quais intercambiou cartas e elogiou com veemência as respetivas traduções. Podemos aventurar que, talvez, essa generosidade partisse da consciência que o próprio romancista tinha da dificuldade de traduzir as suas obras. Como já mencionamos, a escrita rosiana caracteriza-se por uma renovação profunda da linguagem. Crespo diz na introdução que

¹A *Revista de Cultura Brasileña* era financiada pela Embaixada do Brasil em Madri e tinha por objetivo divulgar a florescente literatura brasileira, como a poesia concreta, ao público espanhol.

não quis traduzir *Grande Sertão: Veredas* para o espanhol, mas refundar a língua espanhola, num exercício análogo ao que Rosa havia feito em português².

Entretanto, outras pessoas que leram o livro de Ángel Crespo não o louvaram com semelhante generosidade. Mario Vargas Llosa, um dos mais destacados autores do ‘boom’ da literatura latino-americana, havia publicado também na editora catalã Seix Barral *La ciudad y los perros* em 1963, e talvez tenha conhecido o trabalho de Crespo de primeira mão. Vargas Llosa criticou duramente a tradução espanhola no mesmo ano em que foi publicada. E considerou o fracasso do tradutor tão grande quanto a ousadia do seu empenho.

La afirmación está, desdichadamente, lejos de la realidad. Con un criterio osado, aunque legítimo, Ángel Crespo (lo dice él mismo en su prólogo a la traducción) no quiso volcar Gran sertón: veredas dentro de un castellano ya forjado y conocido, sino restituir en nuestro idioma las audacias sintácticas, las proezas fonéticas, la arrolladora originalidad estilística de Guimarães Rosa; quiso, tal como lo hizo éste, traumatizando el idioma, mezclando arcaísmos con neologismos, alternando el lenguaje más académico con los giros más populares, inventar una lengua propia, dibujar en un decorado sonoro fastuosamente original la caballescía odisea del yagunzo Riobaldo. La tentativa de Crespo era soberbia, su fracaso es también excepcional. Su traducción se aparta, en efecto, de todas las modalidades existentes del castellano, pero en ningún momento se impone al lector como una lengua viviente y necesaria; más bien, da la impresión todo el tiempo de algo híbrido, artificioso, fabricado y paródico: recuerda al esperanto (Vargas Llosa, 1967).

Creemos igualmente que a língua de Crespo é um espanhol artificial e de difícil leitura que não remete a nenhuma realidade viva. Do mesmo modo cabe dizer que, apesar de haver censurado tão duramente o trabalho de Crespo, o próprio Vargas Llosa embarcou numa aventura semelhante anos mais tarde ao escrever *La guerra del fin del mundo*, romance ambientado num episódio da Guerra de Canudos que aconteceu em 1896 no sertão brasileiro.

Não é nosso objetivo entrar em disputas, mas constatamos que o sucesso de Guimarães Rosa é significativamente menor ao que outros autores do ‘boom’ – como Julio Cortázar, Carlos Fuentes, Ernesto Sabato, García Márquez ou o mesmo Vargas Llosa – obtiveram nos países de fala espanhola e, mais concretamente, na Espanha. Não se pode esquecer que, na sua origem, o ‘boom’ foi um fenómeno comercial, cuja primeira avaliação não foi ditada pela academia, mas pelo sucesso editorial. E só posteriormente a narrativa latino-americana atingiu um incontestável prestígio académico. A recepção de Guimarães Rosa e da sua obra na Espanha permanece até hoje restrita a certos âmbitos universitários e ligada às cátedras de literatura portuguesa e/ou brasileira. Porque esta diferença entre a voz de Rosa e a voz de Cortázar, Sabato, García Márquez etc.? Possivelmente conhecer melhor o contexto político e social da Espanha nos anos do ‘boom’ aporte chaves para uma maior compreensão das causas dessa desigualdade.

O ‘boom’ da narrativa latino-americana aconteceu na década de 60. Obras que a crítica atribuía ao chamado “realismo maravilhoso” continuaram aparecendo nos anos sucessivos, já que os autores que haviam começado a publicar nos de 1960 continuavam as respectivas produções ao mesmo tempo que iam se

² Crespo também era escritor e poeta. Nessa mesma linguagem que inventou para verter *Grande sertão: veredas* escreveu *Proshomenaje* onde relata a viagem que fez ao interior do Estado de Minas Gerais e que foi publicado no nº 21 da *Revista Brasileña de Cultura* em junho de 1967.

incorporando novas vozes. A Espanha viveu durante aqueles anos um processo de desenvolvimento econômico e abertura internacional que não foi acompanhado por qualquer relaxamento do férreo controle da ditadura franquista. A sociedade civil tomou consciência progressivamente da falta de direitos e liberdades na qual vivia e, durante aquelas décadas, houve fortes movimentos estudantis, obreiros e profissionais pedindo democracia. O Catolicismo era a religião oficial do Estado e exercia a censura para impedir a entrada de obras literárias, cinematográficas, artísticas etc. que pudessem transgredir a moral católica. É de entender que essa moral mal pudesse tolerar as aventuras pseudo-homossexuais de Riobaldo e Diadorim, assim como o satanismo patente nas páginas do romance rosiano. Entretanto, não nos parece que essa seja causa suficiente para justificar a desvalorização de *Grande Sertão: Veredas* já que outras obras latino-americanas, que também contradiziam a moral católica, fizeram grande sucesso³.

Será que a “surdez” latino-americana foi a causa desse silêncio? Teria sido ela que obscureceu o verbo poderoso do escritor mineiro? Talvez. O Brasil é esse gigante que não fala espanhol, tão perto da Argentina, do Uruguai, do Peru, da Colômbia, etc. e, ao mesmo tempo, tão longe dos seus vizinhos hispanofalantes. A literatura brasileira está recoberta por uma película, a língua, que a faz invisível nas bibliotecas e nas livrarias dos países de fala espanhola⁴.

Não conseguimos apurar quantas edições foram lançadas do *Gran Sertón: Veredas* de Ángel Crespo desde 1967 até hoje. Entretanto sabemos que Seix Barral vendeu os direitos do livro à Alianza Editorial, que o relançou numa edição de bolso em 1999 dentro de uma coleção de narrativa estrangeira. Posteriormente, em 2010, a editora argentina Adriana Hidalgo publicou uma nova tradução de *Grande Sertão: Veredas* realizada por Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar. O professor Antonio Maura escreveu uma resenha na qual comentava essa nova tradução e a comparava com a de Crespo assinalando, por um lado, o valor universal do romance e, por outro, a diferença entre o perfil e os objetivos de Crespo e o dos novos tradutores.

Nesse mesmo texto, Maura afirma que “las causas por las que un libro de estas características haya tenido tan escaso eco en las tierras de lengua castellana no deja de sorprender y asustar.” Opinião que vem a reforçar a ideia do silêncio inicial, do apagamento que *Grande Sertão: Veredas* sofreu nas letras hispânicas.

Contudo, nosso objetivo principal é examinar se a tradução para o catalão tem ajudado numa maior difusão do romance entre a comunidade que fala e lê catalão. Nos anos 60 o ‘boom’ também chegou à Catalunha e aos outros territórios de fala catalã. Chegou através da leitura direta de escritores hispano-americanos, pois existia na Catalunha o hábito de ler em espanhol. Cabe lembrar que a ditadura, cuja ideologia se baseava no Estado centralista, era contrária às línguas chamadas ‘periféricas’, faladas em território espanhol por considerá-las um perigo para a unidade nacional. O espanhol ocupava todos os âmbitos oficiais e acadêmicos enquanto o catalão, o galego e o basco eram proibidos e marginalizados. Assim, a luta pela liberdade na Catalunha incluía a defesa da língua regional e a reivindicação por uma autonomia política e cultural. Nessas décadas floresceram em Barcelona –capital catalã–, importantes editoras que, no entanto, publicavam quase exclusivamente em espanhol.

³ Por exemplo, *Conversación en la catedral* de Mario Vargas Llosa.

⁴ Por isso, entende Bianchi (2005) que *Grande Sertão: Veredas* teve escassa recepção no Chile nos anos posteriores a sua aparição.

Após a morte do ditador Francisco Franco, em 1975, começa a transição para a democracia. Restabelece-se a *Generalitat*, o governo autônomo catalão, por um decreto, em 1979, e um ano depois se aprova um novo *Estatut*, uma sorte de constituição em vigor para toda a Catalunha, que devolve à língua a oficialidade e garante a sua presença na educação, na mídia e na vida pública. O processo pelo qual o catalão veio a ocupar gradualmente âmbitos dominados antes exclusivamente pelo espanhol recebeu o nome de ‘normalização linguística’. As autoridades acadêmicas⁵ tencionaram estender o hábito da leitura em catalão a toda a população da região. As editoras aumentaram o número dos títulos impressos nesta língua, ajudadas muitas vezes por verbas públicas para financiar tais edições. Por um lado, se estimulou o trabalho de escritores e poetas catalães e, por outro, se incentivou a tradução para o catalão e desde o catalão.

Salientamos, assim, a diferença do contexto em que *Grande Sertão: Veredas* é editado pela primeira vez em espanhol e em catalão. No segundo caso, a tradução da obra de Guimarães Rosa vem à luz em 1990, trinta e quatro anos após a aparição do romance no Brasil e vinte três após a morte do autor. A tradução catalã é publicada num território democrático, com um governo autônomo, *La Generalitat de Catalunya*, numa sociedade que conhece uma abertura cada vez maior e que está implementando a recobrada oficialidade de sua língua. Justamente consideramos que a questão da língua é um fator importante nos problemas da recepção que estamos examinando. A narrativa rosiana ficava afastada do mundo hispanofalante por que Guimarães Rosa tinha de ser traduzido para o espanhol, enquanto todos os outros escritores do ‘boom’ eram lidos e aplaudidos sem necessidade de tradução, claro está. Já no catalão o caso apresenta-se distinto: existe a barreira da língua para o leitor catalão tanto ao ler um escritor argentino como ao ler um escritor brasileiro, embora também haja ligações linguísticas e culturais entre a Catalunha e os outros territórios de fala catalã e as culturas latino-americanas. Parece-nos que o contexto da recepção de Guimarães Rosa no mundo hispanofalante é de ordem mais hierárquica: de um lado, os inúmeros escritores hispano-americanos lidos em versão original superando as riquezas e as dificuldades dos diferentes sotaques; do outro, os escritores brasileiros, sentidos como estrangeiros, exóticos e acessíveis apenas através da tradução. Na língua catalã as obras latino-americanas chegam com a abertura de um pequeno território mediterrâneo a um grande continente polifônico. É certo que o conhecimento da língua espanhola e a difusão de autores que escrevem nesse idioma é infinitamente maior do que a difusão do português na Catalunha, porém os autores latino-americanos são para o leitor catalanofalante uma leitura estrangeira que ele tem que traduzir e recriar na própria língua.

Deve-se ainda observar que a tradução de Ángel Crespo é contemporânea ao ‘boom’ e que inclusive o próprio tradutor teve a possibilidade de conhecer o autor da obra, enquanto que a tradução de Xavier Pàmies foi feita *a posteriori*, quando o movimento era já um movimento consagrado. Embora isso não implique necessariamente maior ou menor difusão da obra rosiana.

Por todas as questões mencionadas, pelas diferenças entre o contexto da primeira tradução ao espanhol e ao catalão, consideramos que se faz necessário

⁵ O Institut de Estudis Catalans e o Institut Ramon Llull são os principais responsáveis pela promoção da língua em todos os âmbitos da vida pública e da cultura tanto nos territórios catalanofalantes como no exterior.

estudar especificamente a recepção que *Grande Sertão: Veredas* teve na cultura e nas letras catalãs.

O sertão na Catalunha

A tradução, *Gran Sertão: Riberes*, a cargo de Pàmies foi publicada por Edicions 62 em 1990. Xavier Pàmies, o tradutor, possui diploma de estudos avançados de tradução pela Universitat Pompeu Fabra e, atualmente, tem se consagrado como um dos mais ativos tradutores para o catalão com uma ingente obra de traduções do português (Guimarães Rosa, Machado de Assis, Eça de Queirós, António Lobo e José Saramago), do inglês (Jane Austen, Paul Auster, Karen Blixen, Richard F. Burton, Charles Dickens, William H. Hudson, Kazuo Ishiguro, Harper Lee, Cormac McCarthy, Vidiadhar S. Naipaul, Raj K. Narayan, Dorothy Parker, Philip Roth, Joanne K. Rowling, Salman Rushdie, Jerome D. Salinger, Moyez G. Vassanji i Edith Wharton) e do francês (Emmanuel Dongala, Camara Laye e Irène Némirovski), e conta com o prestígio de ter recebido alguns prêmios acadêmicos como o I Prêmio de Tradução Giovanni Pontiero da Faculdade de Tradução e Interpretação da Universitat Autònoma de Barcelona e o Instituto Camões, e o Prêmio de Tradução Ciutat de Barcelona. A experiência de Pàmies na tradução de obras em língua portuguesa iniciou-se precisamente com o *Grande Sertão: Veredas*. Numa entrevista com Farrés⁶, em 2002, Pàmies lembraria a sua iniciação com o romance do escritor mineiro:

Aquest va ser un encàrrec que em va venir de rebot. Em sembla que l'havia de traduir Manuel de Seabra, i com que no podia em van trucar. Va ser entrar molt de cop, amb un text molt difícil, en una llengua que jo coneixia, perquè havia estat sis mesos al Brasil, però de la qual encara no havia traduït res. Segurament ara la faria de manera molt diferent, però ja està feta.

Essa foi uma encomenda que me chegou de rebote. Me parece que o Manuel de Seabra tinha que traduzi-lo, e como ele não podia me ligou. Foi entrar de golpe, com um texto muito difícil, numa língua que eu conhecia, porque havia estado seis meses no Brasil, mas da qual ainda não havia traduzido nada. Provavelmente agora faria a tradução de maneira muito diferente, mas já está feita. [Tradução minha]

Podemos imaginar as complexidades a que Pàmies teve que fazer frente sem poder trocar uma carta sequer com o autor da obra como fizeram outros colegas seus ao traduzir para o espanhol, italiano e alemão. Na mesma entrevista ele explica algumas dessas dificuldades e por vezes compara suas escolhas com as que Crespo havia feito duas décadas antes:

Ell havia estat metge rural i havia recorregut molt aquella regió, i sembla que anava sempre amb la llibreteta a la mà apuntant trets idiomàtics propis de la zona. Llavors això ho re elaborava i construïa molts dels seus diàlegs a partir d'aquesta realitat, però depurant-la, perquè en definitiva introduïa una nova sintaxi, noves expressions... També hi incorporava neologismes i dialectismes, i de

⁶ A referida entrevista está sendo republicada nesta edição de nº 9 da *Scientia Traductionis*, com tradução ao português por Francisco Calvo del Olmo, em formato bilingue: “La versemblança per sobre de tot.” Una conversa amb Xavier Pàmies / “A verossimilhança acima de tudo.” Uma conversa com Xavier Pàmies. (n. do Ed.)

segur que se me'n van escapar molts, encara que ho vaig intentar fer al màxim de bé possible i vaig anar sovint al Centro de Estudos Brasileiros de Barcelona per llegir assajos i estudis sobre la prosa de Guimarães Rosa. Quan trobava paraules inventades d'ell, algunes sí que me les inventava també, per exemple recordo que en una escena d'un tiroteig entre dues bandes rivals de bandolers vaig posar que les bales «colibrejaven», de «colibrí ». Però fer-ho molt era potser anar massa enllà i crear una llengua una mica postissa. Llavors vaig tendir a neutralitzar, que és un recurs que acostumo a fer servir, perquè el text no grinyoli massa. És a dir, per mantenir un mínim de versemblança. La versemblança per sobre de tot. La traducció al castellà d'Àngel Crespo, per exemple, penso que s'excedeix, perquè crea una sintaxi molt forçada, fins i tot més del que ho és l'original, pel fet de voler mantenir la mateixa estructura. I moltes vegades no és que Guimarães Rosa creés sintaxi nova, sinó que se servia de llicències orals existents en la parla popular del Brasil, i si jo me n'adonava, el que feia era buscar la col·loquialitat i l'oralitat, però dintre d'una fidelitat als recursos lingüístics del català.

Ele foi médico rural e percorreu toda aquela região, e parece que ia sempre com um caderninho na mão anotando traços idiomáticos próprios do lugar. Então reelaborava tudo isso e construía muitos dos seus diálogos a partir dessa realidade, mas refinando-a porque definitivamente introduzia uma nova sintaxe, novas expressões... Também incorporava neologismos e vozes dialetais, e com certeza muitos me escaparam embora tenha tenado fazer o meu melhor e eu ia com frequência ao Centro de Estudos Brasileiros de Barcelona para ler ensaios e estudos sobre a prosa de Guimarães Rosa. Quando achava palavras inventadas por ele, algumas as inventava eu também; por exemplo, lembro que numa cena de um tiroteio entre dois bandos rivais de jagunços disse que as balas “colibrejaven”, de “colibri”. Porém fazê-lo muito talvez fosse ir longe demais e criar uma língua um pouco artificial. Assim mantive a tendência de neutralizar, recurso que acostumo usar, para que o texto não fique demasiado esquisito. Ou seja, para manter um mínimo de verossimilhança. A verossimilhança acima de tudo. A tradução para o espanhol de Àngel Crespo, por exemplo, acho que se excede, pois cria uma sintaxe muito forçada, até mais que o original, por querer manter a mesma estrutura. E muitas vezes não é que Guimarães Rosa criasse uma sintaxe nova, mas se serva de licenças orais existentes na fala popular do Brasil, e se eu não percebia isso, o que eu fazia era buscar a coloquialidade e a oralidade, mas dentro de uma fidelidade aos recursos lingüísticos do catalão. [Tradução minha]

Em todo caso, a tradução catalã de Xavier Pàmies recebeu boas críticas e lhe serviu como cartão de visita para futuros projetos de tradução de grandes autores lusófonos que lhe seriam encomendados. A tradução até motivou um estudo do pesquisador brasileiro Milton Azevedo, especialista na obra de Guimarães Rosa⁷. Atualmente várias universidades catalãs contam com cátedras de língua e literatura portuguesas e estudos brasileiros. Pessoalmente considero que o interesse pelo mundo da Lusofonia vem aumentando nos últimos anos⁸ e que a sociedade catalã vê o Brasil como um país com o que compartilha afinidades linguísticas e culturais. Entretanto, atualmente esse título da obra de Rosa está esgotado e, por enquanto, não há informações sobre reedições pela Edicions 62.

⁷ Milton M. Azevedo publicou o artigo “On 'Grande Sertão: Veredas' in catalan” na *Catalan Review*. Barcelona. Vol. IX, nº 1, 1995, p. 11-20, onde analisa a tradução catalã a partir da explicação dos problemas que apresenta a sua linguagem por estar baseada na criação da miragem da oralidade. E conclui que Pàmies fez um bom trabalho com certos deslizes menores.

⁸ Por exemplo, do dia 10 ao 17 de novembro de 2006 celebrou-se na Universitat de Barcelona o “Seminari commemoratiu dels 50 anys del llançament de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa”, organizado pelo departamento de Filologia Galega e Portuguesa.

Do sertão e das veredas

A tradução de Crespo é distinta daquela de Pàmies, como também diferem entre si as traduções para o francês, italiano, alemão, inglês etc. As traduções divergem como divergem as línguas em que *Grande Sertão: Veredas* é volcado, como diverge a personalidade dos tradutores encarregados de traduzi-las. Cada tradução é elaborada num contexto diferente, sob pressões diversas, enfrentando problemas específicos. Schleiermacher havia considerado duas possibilidades quase opostas, dois métodos possíveis, entre os quais o tradutor deve optar na hora de orientar a sua atividade⁹. Há um caminho – mais recomendado pelo teórico alemão – que leva da obra ao leitor. O tradutor deve trilhar esse caminho para promover o encontro entre obra e o leitor da tradução em condições similares ao encontro da obra original com o leitor em língua original. Essa primeira possibilidade faz que o tradutor guie o leitor ao mundo do autor, que lhe é desconhecido. A alternativa, ou segundo caminho, é que o autor seja transportado ao mundo da língua de chegada, adaptado aos padrões da cultura que o acolhe, como se fosse um produto dessa cultura e não algo alheio.

Neste sentido, toda a obra de Guimarães Rosa cria importantes desafios para os tradutores. O escritor mineiro arquitetou o mundo a partir do contexto regional, e particularíssimo, do sertão. Traduzir deveria ser transformar o sertão num agradável jardim, no máximo num passeio pelo campo, ou conduzir o leitor até o sertão desumano? Levá-lo pelas intrincadas veredas onde até o próprio tradutor corre o risco de se perder?

A complexidade deste tipo de problemas é fonte de debate quase inesgotável. As respostas são múltiplas segundo as teorias usadas, os pontos de vista e as opiniões pessoais de cada um. Gostaríamos de fazer aqui uma pequena reflexão sobre a forma como foi traduzido o título do romance na versão espanhola e na versão catalã, pois pensamos que as escolhas que cada tradutor fez são um indicativo da visão da tradução que cada um deles tinha.

O título é o primeiro enigma que este longo romance oferece; *Grande Sertão: Veredas*. Assim que o lemos ficamos desconcertados com a colocação das palavras, com esses dois pontos que separam o sertão do caminho que é a vereda. E ainda por cima o adjetivo *grande* vem a magnificar o enigma.

A palavra *sertão* não tem um equivalente nem em catalão nem em espanhol. Antônio Geraldo Cunha, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa* atesta que a palavra *sertão* é de etimologia obscura e que, provavelmente, foi difundida durante o século XV para designar uma região agreste, distante das terras povoadas e cultivadas. Durante a colonização do Brasil, quando os portugueses penetraram no interior a partir do litoral, observaram grande mudança climática e por isso chamaram aquelas terras *desertão*, aumentativo de *deserto*. Posteriormente, essa denominação foi reanalisada como *de sertão*, reduzindo o término a sua forma atual. Camões, nos últimos versos da estrofe 134 do X canto de *Os Lusíadas*, escreveu “A gente do sertão que as terras anda” com o mesmo sentido que se encontra no dicionário de Geraldo Cunha. Entretanto, Gilberto Teles oferece uma etimologia alternativa; segundo este autor, o ponto de partida é *de-sertum*, supino de *desere* que significa “o que está fora da fila”. Inicialmente empregada no âmbi-

⁹ O texto de Schleiermacher a que se refere Calvo del Olmo é o clássico *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, republicado nesta edição de nº 9 da *Scientia Traductionis*, em formato bilingue com três traduções sinóticas em português. (N. do Ed.)

to agrário a palavra passou para o militar onde tomou o significado de desertar, o desertor é quem sai da fila, ou da ordem. Daí o substantivo *desertanum* indicava o lugar ao qual se dirigia o desertor facilitando a oposição entre lugar “certo” e lugar “incerto”. Assim, o *sertão* aponta sempre uma localização oposta e distante de quem fala. Estabeleceu-se uma diferença semântica entre o litoral e o sertão e, posteriormente, entre o mundo rural do interior e o litoral onde surgiram as grandes cidades e a vida urbana. Chegou-se assim à diferenciação em português brasileiro contemporâneo entre meio urbano/meio rural, capital/interior.

O valor semântico de *sertão* vai além de um espaço geográfico e cria uma complicada rede de especificidades históricas, climatológicas e ambientais responsáveis pelas particularidades sociais do território. Na obra rosiana, os elementos universais estão imersos no ambiente regional do interior mineiro e, desta maneira, o sertão adquire a condição de *locus hominis*; numa dimensão metafísica, o sertão é do tamanho do mundo.

A palavra *vereda*, pela sua parte, procede do latim “vereda” que significava “caminho” ou “via”, sentido primitivo que o português, o catalão e o espanhol mantiveram. Porém, não todos os caminhos são iguais e vereda coroou-se de conotações específicas para se adaptar aos diversos territórios. A região onde a água é mais abundante na zona da caatinga é uma vereda, a planície do Sul do estado da Bahia é uma vereda, a várzea que margeia um rio é uma vereda, a clareira de vegetação rasteira é uma vereda, a trilha que percorre um vale também pode ser uma vereda.

Grande Sertão: Veredas evoca uma longuíssima série de referências culturais e geográficas para qualquer leitor brasileiro que se depare com o livro pela primeira vez. Referências que mudam segundo a procedência geográfica e a cultura do hipotético leitor, mas que, em todo caso, são um convite a adentrar-se no labirinto do romance. Tanto os tradutores como as editoras sabem da importância que o título tem na hora de lançar uma obra. O título pode ser o fator que leve o futuro leitor a escolher um livro e não outro na estante da livraria. Como falante de catalão e de espanhol, creio que traduzir o título -*Grande Sertão: Veredas*- é um verdadeiro desafio.

O português é uma língua românica e tem uma origem comum aos outros idiomas ibéricos. Igualmente todos eles fazem parte de uma unidade cultural conformada ao longo de seculares trocas e influências mútuas que se inscrevem dentro do âmbito cultural ocidental. Esta particularidade parece, *a priori*, uma vantagem. Porém, traduzir entre línguas próximas também oferece dificuldades específicas; são inúmeros os chamados “falsos amigos”, que não só pertencem ao nível lexical, mas também atingem outros âmbitos da gramática como a sintaxe, a prosódia e a semântica. Tais dificuldades são ainda maiores quando se fala na tradução de uma obra literária. Como traduzir o ato de refundação da língua portuguesa, que é a narrativa rosiana?

Dois anos antes da publicação da tradução de Crespo, Emir Rodríguez Monegal escreveu sobre a obra: “Sin embargo, en el caso de *Grande Sertão: Veredas* (que significa: Gran Desierto: Arroyos) la traducción por sí sola no basta.” Inocentemente deu uma tradução do título *au pied de la lettre* que em nossa opinião encerra um enigma desconcertante em espanhol, análogo ao que tem em português: *Gran Desierto: Arroyos*. Ao fazer a sua tradução, Ángel Crespo, apaixonado pela língua de Guimarães Rosa, tentou ficar o mais perto possível do original. Ao português *nação, paixão* corresponde o espanhol *nación, pasión*; seguindo essa

analogia criou *sertón* sobre *sertão*, talvez animado pela proximidade entre a língua de partida e a língua de chegada. A palavra inventada por Crespo calou tão profundamente que outros escritores em língua espanhola, como o próprio Vargas Llosa, a usaram¹⁰. Após mais de quatro décadas falando de *Gran Sertón: Veredas*, outro nome produziria certamente um estranhamento; hoje parece que *sertón* se haja afiançado poderosamente apesar de não aparecer registrado no Dicionário da Real Academia Espanhola. Entretanto outras traduções a outras línguas foram bastante menos ortodoxas na hora de escolher o título: o inglês trocou *sertão* por *backlands* (*The Devil to Pay in the Backlands*) e o francês escolheu o nome do misterioso *Diadorim* como título. Só uns poucos especialistas, iniciados na literatura regional brasileira, sabem que *sertón* corresponde a *sertão*; é esse lugar sem lei nem água, que ocupa grandes territórios do nordeste do Brasil. Para o resto do público, *sertón* é um enigma tão indecifrável como o título de um livro escrito em alfabeto cirílico ou japonês. Sem nenhuma referência à que se aferrar, o potencial leitor terá se perdido antes mesmo de penetrar no labirinto das veredas.

A Espanha, principalmente nas regiões do sul, é uma terra de secas e, *a priori*, não seria difícil encontrar termos paralelos ao conceito de *sertão*. O problema aqui é não cair em localismos que pudessem adscrever a obra a um contexto geográfico muito específico. A meu ver, a palavra *secano* contém um valor semântico próximo ao de *sertão* na sua definição mais geográfica; terra de cultivo que não tem irrigação e só participa da água de chuva. O *secano*, além de manter um parecido fonético com *sertão*, expressa um conceito vago que não se inscreve a nenhum território concreto, que pode estar em todo lugar; o *secano* evoca a sede, a terra estéril que seca a vida e traz a miséria. Por isso, creio que *secano* poderia ser uma boa alternativa de *sertón*; recurso linguístico que castelhano disponibiliza.

Em catalão, Xavier Pàmies também optou por ficar perto do original e assim traduziu o título como *Gran Sertão: Riberes*; sem tentar analogias do tipo *sertó* como *nació*, *passió*¹¹. A palavra portuguesa causa no público catalão grande estranhamento, além –claro está– do reduzido grupo de especialistas em literatura brasileira. Entretanto, a fonética da forma, *sertão*, adscreve o conceito ignoto a uma realidade brasileira ou, de maneira mais geral, lusófona.

A problemática do substantivo “veredas” é outra: a palavra existe em espanhol, mas o significado muda. Assim a vereda é o caminho estreito, formado comumente pelo trânsito de pedestres e gado; vereda é a via pastoril para gado transumante; vereda é o curso de um riacho; vereda é mesmo a calçada de uma rua ou praça em alguns países de América, etc.¹² Em catalão, “vereda” tem o significado de caminho estreito¹³. Todavia Pàmies preferiu traduzi-la por *ribera* que é a terra próxima a um rio ou ao mar, o vale ou a bacia de um rio. Em português o mesmo étimo latino evoluiu na forma *ribeira*. Estas palavras constroem uma intrincada rede de sentidos complementários. Resulta difícil definir qual *vereda* é a de Guimarães, qual é o caminho certo para percorrermos o sertão. Acreditamos

¹⁰ A recente tradução de *Grande Sertão: Veredas*, de Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar conserva o mesmo título, ainda que tenha entre os seus objetivos melhorar o trabalho de Crespo, principalmente naqueles aspectos nos quais o tradutor espanhol se excedeu.

¹¹ Lembre-se que Bizzarri, o tradutor italiano, escolheu deixar o título original e o livro apareceu publicado pela Feltrinelli como *Grande Sertão: Veredas*, em 1970.

¹² Cf. DRAE Diccionario de la Real Academia Española.

¹³ Cf. Diccionari de la llengua catalana del Institut de Estudis Catalans.

que não exista apenas um e, de fato, *veredas* aparece em plural no título original. As veredas, as sendas são múltiplas como múltiplas são as leituras. Múltiplas são também as traduções, pois não existe uma única e perfeita solução, mas sim um feixe de possibilidades e escolhas. Afinal concordamos com a frase de Britto (1999): a tradução não deixa de ser uma coautoria, ainda que o tradutor seja necessariamente o *junior partner* da dupla. Em definitiva o romance rosiano é um enorme sertão “de senderos que se bifurcan”.

Conclusões

Neste trabalho reconstruímos o marco social e cultural em que *Grande Sertão: Veredas* foi recebido na Espanha dos anos 60 e na Catalunha nos anos 90. Em geral constatamos que o romance rosiano não recebeu a mesma atenção que outras obras do “boom” da narrativa latino-americana. E consideramos a possibilidade de que a distância linguística, a surdez continental e o filtro da tradução tenham influenciado negativamente na recepção da obra. Igualmente observamos que o contexto catalão é diferente, e nele apresentamos o tradutor Xavier Pàmies. Contudo, a recepção do romance não calou profundamente na comunidade acadêmica e intelectual catalã.

A partir da análise do título observamos distintos procedimentos empregados pelos tradutores, sem apresentar uma única solução como válida, mas considerando as vantagens e inconvenientes que cada escolha implica. Examinamos a tradução no âmbito das línguas ibéricas –e românicas–, depositárias de tradições culturais e linguísticas comuns. E também salientamos o papel do tradutor como guia no sertão, como figura encarregada de abrir os caminhos da leitura.

Grande Sertão: Veredas já celebrou aniversário de 50 anos, a primeira tradução em espanhol já tem mais de quatro décadas e a catalã, mais de duas. E, na verdade, Guimarães Rosa nunca foi um *best seller*, nunca teve o sucesso de Gabriel García Márquez ou Vargas Llosa, no mercado editorial espanhol. Mas o tempo talvez esteja dando a verdadeira dimensão da obra. O médico de Cordisburgo é uma figura capital na literatura brasileira e na narrativa universal do século XX. A sua obra é estudada em todas as universidades que contam com um departamento de estudos culturais, lusófonos, latino-americanos ou especificamente brasileiros. As páginas que ele escreveu seguem incentivando o debate e periodicamente são publicadas teses, artigos, monografias, congressos sobre o autor. Em 2010 apareceu uma nova tradução em espanhol pela editora argentina Adriana Hidalgo, mostra de um renovado interesse. A situação atual do Brasil faz com que o país se torne mais conhecido em todo o mundo e exporte a sua produção artística e cultural. Parece que, com o passo do tempo, o legado de Guimarães Rosa vai atingindo o seu verdadeiro peso.

Por último, cremos que o campo aberto para futuros estudos é ainda amplo. Os problemas examinados neste artigo não esgotam as possibilidades de comentário e reflexão sobre a repercussão desta e de outras obras de Guimarães Rosa nas letras catalãs.

Francisco Calvo del Olmo
franciscoctl@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina
Becario del MAEC-AECI

Referências bibliográficas

- BIANCHI, Soledad. Grande Sertão: Veredas, en Chile: recepción, grado cero (una crónica). In *Acta Literaria*, Universidad de Concepción de Chile, nº 30, 2005.
- BOSI, Alfredo. *Historia concisa de la literatura brasileña*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- BRITO, Paulo Henriques. Tradução e criação. In *Cadernos de Tradução*. Universidade Federal de Santa Catarina, nº IV, 1999.
- CARRASCO, José. La traducción literaria portugués/español. in PRADO ARAGONES, J; PEREZ RODRIGUEZ M.; GALLOSO CAMACHO, V. *Un puente entre dos culturas, aproximación a la lengua y cultura hispanolusas*. Huelva: Universidad de Huelva, 2003.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Lexikon, 2010.
- FARRÉS, Ramon. “La versemblança per sobre de tot”. Una conversa amb Xavier Pàmies. In *Quaderns*. Barcelona: Revista de traducció, nº 7, 2002.
- GAVILANES, José Luis. *Historia de la literatura portuguesa*. Madrid: Cátedra, 2000.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Gran Sertón: Veredas*. (CRESPO, Ángel. trad.) Barcelona: Seix Barral, 1975.
- _____, João. *Gran Sertão: Riberes*. (PAMIES, Xavier. trad.) Barcelona: Edicions 62, 1990.
- _____, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- MAURA, Antonio. Recepción en España de Grande Sertão: Veredas. In *Seminari 50 anys de Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa*. Barcelona: UB, 2006.
- RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. Guimarães Rosa en su frontera. In *Temas*, 1ª Época, nº 1, abril-maio 1965.
- SARAIVA, José Antônio; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2001.
- VARGAS LLOSA, Mario. ¿Epopéya del sertón, torre de Babel o manual de satanismo? In *Amaru*, nº 2, abril 1967.
- www.dicionariohouaiss.com.br acessado em 05/06/2011
- www.iec.cat/ acessado em 19/06/2011
- www.rae.es acessado em 25/05/2011
- www.visat.cat/espai-traductors/ acessado em 07/06/2011
- www.vidaslusofonas.pt/joao_guimaraes_rosa acessado em 26/06/2011
- <http://www.cronopios.com.br> acessado 16/06/2011